

# DE VOLTA À ESPECIFICIDADE DOS ESTUDOS EM JORNALISMO: O GT DA ALAIC NO INÍCIO DO NOVO SÉCULO



## Eduardo Meditsch

---

■ Coordenador do GT Estudos de Jornalismo da Alaic, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq), doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina ([www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br)).

■ E-mail: [emeditsch@uol.com.br](mailto:emeditsch@uol.com.br)



## Melina de la Barrera Ayres

---

■ Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), licenciada em Comunicación Social/Periodismo pela Universidad Católica del Uruguay.

■ E-mail: [melina.ayres@yahoo.com](mailto:melina.ayres@yahoo.com)

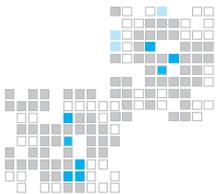


## Mariana Segala

---

■ Jornalista do Grupo O Estado de São Paulo, graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciou esta investigação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic)/UFSC/CNPq.

■ E-mail: [mariana.segala@grupoestado.com.br](mailto:mariana.segala@grupoestado.com.br)



## RESUMO

Este trabalho faz um balanço de uma década de funcionamento do Grupo de Trabalho em Estudos de Jornalismo da Alaic, através da análise dos textos apresentados no GT nos congressos de 1998 (Recife, Brasil); 2000 (Santiago, Chile), 2002 (Santa Cruz, Bolívia), 2004 (La Plata, Argentina), 2006 (São Leopoldo, Brasil) e da preparação do Congresso do 30º Aniversário da entidade (México, 2008). Contextualiza a atuação do GT no percurso internacional dos estudos em jornalismo, marcado pela perda de sua especificidade a partir da criação e expansão da área acadêmica da Comunicação, em meados do Século XX, como conseqüências da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, e na recuperação desta especificidade, na virada para o novo Século.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTUDOS EM JORNALISMO; AMÉRICA LATINA; CONGRESSOS DA ALAIC; 1998-2008.

## ABSTRACT

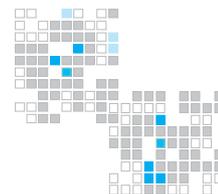
This paper seeks to examine the performance during the past ten years of Alaic Journalism Studies Working Group through the analysis of the texts presented during conferences – in 1998 in Recife, Brazil, 2002 in Santa Cruz, Bolivia, 2004 in La Plata, Argentina and 2006 (São Leopoldo, Brazil), as well as the preparation to celebrate the institution's 30<sup>th</sup> Anniversary Conference in Mexico in 2008. The author points out the group's participation in the international Journalism studies scene, in the context of loss of its specificity since the establishment and expansion of the academic area of Communications, as a consequence of the Second World War and the Cold War, and the reclaiming of its space at the turn of the 21<sup>st</sup> century.

**KEYWORDS:** JOURNALISM STUDIES; LATIN AMERICA; ALAIC CONFERENCES; 1998 TO 2008.

## RESUMEN

Este artículo realiza un balance de una década de funcionamiento del Grupo de Trabajo en Estudios del Periodismo de Alaic, a través del análisis de los textos presentados en el GT en los Congresos de 1998 (Recife); 2000 (Santiago), 2002 (Santa Cruz), 2004 (La Plata), 2006 (San Leopoldo) y de la preparación del Congreso del 30º aniversario de la entidad (México, 2008). Contextualiza la actuación del GT en el precursor internacional de los Estudios del Periodismo, marcado por la pérdida de su especificidad a partir de la creación y expansión del área académica de la Comunicación, a mediados del Siglo XX, como consecuencia de la Segunda Guerra Mundial y de la Guerra Fría, y la recuperación de esta especificidad, con la llegada del nuevo Siglo.

**PALABRAS CLAVE:** ESTUDIOS DEL PERIODISMO; AMÉRICA LATINA; CONGRESOS ALAIC; 1998-2008.



## 1. As razões de Estado e o percurso acadêmico do jornalismo

Max Weber advertiu que na busca da racionalidade, ciência e política deveriam ser vistas como duas vocações. Mas, no mesmo texto em que propunha esta distinção, este fundador da Sociologia já colocava o jornalismo no campo da vocação política (Weber, 2004, p.79-84), demonstrando que no caso que nos interessa não seria fácil separar as coisas, por mais que ele reconhecesse a importância do jornalismo como objeto científico e também a do estudo de sua especificidade, como havia sublinhado no primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia, em 1910 (Weber, 2005).

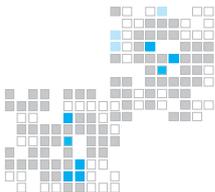
Não por acaso, a nascente disciplina da Sociologia colocava o jornalismo como “o primeiro tema adequado para um estudo genuinamente científico” na Alemanha (Weber, 2005, p.14). A Alemanha foi o berço dos estudos em jornalismo, com a primeira tese universitária sobre o tema defendida por Tobias Peucer em 1690 (Peucer, 2004). Dando prosseguimento a esta tradição, um discípulo de Max Weber foi mais longe que o mestre: Otto Groth delineou as bases da “Jornalística” como ciência cultural autônoma, colocando a própria Sociologia, ao lado das outras disciplinas pré-existentes, como “ciências auxiliares” de sua tarefa epistemológica (Faus Belau, 1966; Groth, 2006). A interessante concepção de Otto Groth (1883-1965), no entanto, não encontrou terreno fértil para prosperar na segunda metade do Século XX. Em todo o mundo, as Razões de Estado colocadas em primeiro plano pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria influenciaram decisivamente os rumos do percurso acadêmico do Jornalismo em uma outra direção.

Na Alemanha, a *Jornalística* de Otto Groth, a *Publicística* (que chamaríamos hoje de Midialogia) que na mesma época concorria com ela e toda a pesquisa sobre a comunicação de

massa conhecida foram instrumentalizadas pelo Nazismo e deram base científica para o assombroso trabalho do Ministério da Propaganda, dirigido por Joseph Goebbels, para a máquina de guerra e de perseguição política de Hitler. Com a derrota do III Reich, a vergonha e a culpa pelo que ocorrera no país, mesmo por parte de quem havia resistido ao Nacional-Socialismo ou sido crítico em relação a ele, como o próprio Otto Groth, retardaram a aceitação, a retomada e o desenvolvimento de todos os estudos na área de Comunicação de Massa.

Mas a Segunda Guerra Mundial também afetou de maneira avassaladora o desenvolvimento científico da área entre as potências vencedoras, a começar pelos Estados Unidos onde, na década de 1940, a área acadêmica de Jornalismo parecia ter atingido a maturidade, com mais de trinta anos de presença na universidade em cursos de graduação e doutorado, e a consolidação de revistas e entidades acadêmicas especializadas (Dennis, 1989). Mas, para os especialistas recrutados pelo Departamento de Estado americano, empenhados na mobilização do país para o esforço guerra, com um olho no que faziam os nazistas na área de Comunicação, a preocupação das escolas de jornalismo com as questões da prática da profissão e seus valores democráticos pareciam naquele momento irrelevantes (Medsger, 1996, p.57). Para o *Escritório de Fatos e Figuras*, mais tarde *Escritório de Informação de Guerra* do governo norte-americano, a comunicação deveria ser vista numa perspectiva estratégica do ponto-de-vista político e militar.

Terminada a Guerra, um dos expoentes do *Office of Facts and Figures*, o professor Wilbur Schramm retorna à Universidade como diretor da Escola de Jornalismo de Iowa, e cria o primeiro programa de doutorado e centro de pesquisa em *Mass Communication*, experiência que levará nos anos seguintes para as universidades de Illinois e Stanford. Wilbur Schramm é considerado



por isso o pai-fundador da área acadêmica de comunicação, a partir da concepção estratégica do Departamento de Estado que leva para a universidade (Rogers, 1997, p.4). Em 1943, em seu retorno à Universidade de Iowa, ele escreveu:

*“Eu gostaria de ver um tipo de Escola de Jornalismo que não fosse tão frágil como ela mesma, mas que fosse tão forte como a Universidade. Não um grupo de professores e alunos sentados na periferia do campus, entretidos com seus brinquedos, preocupados com o quem, o que, onde e quando no primeiro parágrafo do texto: não isso, mas uma escola que deveria estar no coração mesmo da Universidade, que deveria partir da pretensão de que os estudantes que ela gostaria de formar seriam os melhores equipados em toda a universidade para entender e falar sobre o mundo.”* (Schramm apud Medsger, 1997, p.56).

A concepção de Wilbur Schramm, fundadora do campo acadêmico da Comunicação, marcaria fortemente o futuro deste campo em vários aspectos: o alargamento da sua perspectiva, tornando-se multidisciplinar e incorporando *schollars* de várias áreas das ciências humanas na sua constituição, e o desprezo pelas questões da prática jornalística, vistas como um objeto menor, meramente técnico e irrelevante diante dos novos interesses de pesquisa trazidos por este aporte pluridisciplinar.

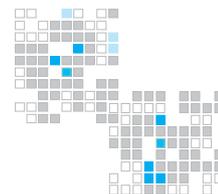
A partir de então, de forma progressiva, por todos os Estados Unidos, os jovens doutores em Comunicação começam a tomar espaço dos velhos professores de jornalismo nas Escolas de Jornalismo. Este processo nada teve de pacífico e, passadas décadas de guerra surda ou aberta pelo controle dessas escolas, resultou no final do século numa ampla hegemonia dos comunicólogos, com a mudança dos nomes, dos currículos, dos critérios acadêmicos e dos objetivos da maioria, que passa

a se preocupar mais com a crítica da mídia do que com a formação profissional (Medsger, 1997).

Até a centenária Escola de Jornalismo de Columbia, em New York, um ícone internacional dos saberes e dos valores da profissão, esteve ameaçada de sucumbir diante da nova onda. Seu professor James Carey (1934-2006), que defendia o jornalismo como uma nova forma cultural, fez um balanço “do que deu errado” na escola de comunicação da segunda metade do

### A concepção de Wilbur Schramm, fundadora do campo acadêmico da Comunicação, marcaria fortemente o futuro deste campo em vários aspectos (...)

século XX. Para ele, esta escola falhou em relação ao jornalismo ao desconsiderar três axiomas da profissão: o primeiro, o de que o jornalismo não pode ser confundido ou servir de guarda-chuva para publicidade, comunicação, estudos de mídia, relações públicas ou radialismo: essas são práticas distintas do jornalismo e devem ser consideradas assim tanto nas escolas como nas salas de redação. O segundo, de que o jornalismo, como prática social distinta, não deve ser confundido com mídia ou com comunicações: “Mídia são organizações, burocracias, tecnologias em que o jornalismo tem lugar; comunicações são um processo social generalizado de transferência de significados. Mas nenhum dos dois são a mesma coisa que jornalismo”. O terceiro axioma de Carey é de que jornalismo está ligado umbilicalmente à democracia, não se justifica na ausência dela (Carey). Para James Carey, ao desconsiderar estes três axiomas e se transformar de uma original “ciência da liberdade” em uma “ciência do controle”, a partir de Wilbur Schramm e Norbert Wiener, as ciências da comunicação da segunda metade do Século XX entram em conflito com o jornalismo e a formação para o jornalismo, e



No jornalismo, costuma-se dizer que a verdade é a primeira vítima de qualquer guerra. Em nossa área acadêmica, por analogia, pode-se afirmar que esta vítima foi o contato com a realidade: a ruptura da teoria com a prática, com a perda do objeto de estudo da comunicação social.

ameaçam “os mais profundos e humanísticos impulsos da cultura” (Carey, s.d.).

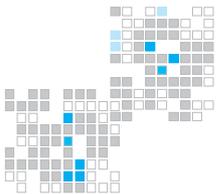
A transformação da área acadêmica originada nos Estados Unidos na Segunda Guerra vai se espalhar pelo mundo, principalmente a partir da hegemonia norte-americana na Unesco no período subsequente. E por esse caminho chegará à América Latina.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, as potências vencedoras se realinharam em torno de dois grandes impérios para disputar a hegemonia política, econômica e cultural sobre o planeta. Esta disputa, que recebeu o nome de Guerra Fria, condicionaria o destino de gerações de seres humanos nos mais diversos pontos do globo durante as quatro décadas seguintes, e seus efeitos e desdobramentos em vários campos de atividade não foram ainda suficientemente demonstrados pela área de Ciências Humanas, talvez porque o tema tenha saído da moda, ou porque seja incômodo constatar como fomos tão ingenuamente instrumentalizados neste processo. Apesar da ausência destes estudos mais rigorosos, não é difícil demonstrar que estes efeitos e desdobramentos foram muito grandes, principalmente em áreas estratégicas, do ponto de vista militar, como é a área da Comunicação Social.

No jornalismo, costuma-se dizer que a verdade é a primeira vítima de qualquer guerra. Em nossa área acadêmica, por analogia, pode-se afirmar que esta vítima foi o contato com a realidade: a ruptura da teoria com a prática, com a perda do objeto de estudo da comunicação social. As “razões de Estado” das duas grandes potências – primeiro de uma, em seguida da outra – ideologizaram o nosso

campo de conhecimento de tal maneira que até hoje não conseguimos nos livrar completamente da confusão que isso provocou. Na América Latina, o Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal) exerceu um papel preponderante na conformação de nosso campo acadêmico, e a elucidação da forma como foi instrumentalizado na Guerra Fria é útil para entendermos como e porque chegamos até aqui e de que forma podemos seguir adiante com maior clareza sobre o caminho a seguir.

Um *iceberg* com que se chocaria a área acadêmica de jornalismo no subcontinente em meados dos anos 60 começou a se formar numa conferência da Unesco realizada em Paris, em 1948. Naquele encontro, a entidade, na época amplamente dominada pela política dos Estados Unidos, resolveu dar atenção especial à formação dos jornalistas no terceiro mundo. Para lá é levado o estrategista Wilbur Schramm. Através de sua atuação, a Unesco advertia ao mundo ocidental que o jornalismo poderia “agravar, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos” – como pregava o comunismo soviético – “ou atenuá-los até, o ponto de extingüí-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos”, conforme a retórica da época reproduzida por Celso Kelly (Kelly, 1966, p.62-3). Com essa preocupação principalmente política, a Unesco começa a criar centros de formação de professores de jornalismo nas várias regiões do terceiro mundo. Antes mesmo que a África e a Ásia, a América Latina foi contemplada com um Centro Internacional de Estudios Superiores de Jornalismo, instalado na Universidad Central de Quito, no Equador, em 1960.



Em 1961, já sob o impacto da perda de controle sobre a revolução cubana, que passa para a órbita de influência do grande inimigo, as forças aliadas aos Estados Unidos adotam uma política mais direta de contra-insurgência na América Latina. Na Conferência de Punta Del Este, realizada naquele ano, é traçado um programa de modernização dos sistemas educacionais do continente, com quatro pontos principais: um controle centralizado, a prioridade ao ensino técnico e profissional, a tecnificação do ensino de humanidades e ciências sociais e, principalmente, a despolitização das relações educacionais (Ianni, 1976, p.47).

No caso do ensino de jornalismo, esta “modernização conservadora”, como a chamou Florestan Fernandes, ou “modernização reflexa”, segundo Darcy Ribeiro, implicou numa ruptura da orientação teórica das escolas, que até então era centrada numa formação clássica-humanística, com ênfase nos estudos éticos, jurídicos, filosóficos e literários. Esta orientação, por influência do Ciespal, será rejeitada por “não-científica”, e substituída pelas disciplinas valorizadas pelo funcionalismo norte-americano.

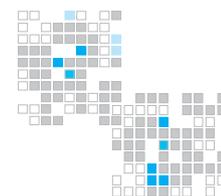
No Brasil, com o golpe militar de 1964, esta receita seria plenamente posta em prática na universidade. No caso do ensino do jornalismo, a tarefa ficou a cargo de um técnico formado pelo Ciespal, Celso Kelly, autor do currículo imposto a todas as escolas do país, dentro da política de controle centralizado proposta em Punta Del Este. Foi a época das régua em sala de aula, da contagem de palavras e medição de colunas, processo a que se dava o *status* digno da mais exata das disciplinas científicas. A física, a biologia, a psicologia e a cibernética serviam de modelos e inspiravam os pioneiros de “uma nova ciência”, que procurava “quantificar os processos” para orientar “uma intervenção controlada na realidade”, articulada à “racionalização do trabalho, o complexo organizatório das empresas, a atividade engrenada de homens e máquinas”,

conforme o testemunho da professora da Nelly de Camargo (Camargo, 1971, p.56-61).

O novo *status* científico conferido a uma área acadêmica que mal se firmava dentro das universidades latino-americanas certamente foi um dos fatores que influenciaram na aceitação das propostas do Ciespal. Embora o ensino do jornalismo no continente tenha começado em 1936, com a Faculdade de La Plata, na Argentina, e nas décadas seguintes se multiplicado nos demais países, essas escolas pioneiras funcionavam geralmente subordinadas a outras áreas científicas (no caso brasileiro, à Filosofia) e, conforme depoimento dos professores da época, numa enorme precariedade de recursos técnicos e bibliográficos. Desta forma, contribuíram para a aceitação das idéias do Ciespal as viagens, as bolsas de estudo, os encontros patrocinados pelas fundações americanas, a literatura e o aporte teórico e técnico que não era desprezível para uma área ainda não consolidada e com escassez de recursos para se desenvolver.

Em 1965, o Ciespal realiza quatro seminários regionais no continente, recomendando a transformação dos cursos de jornalismo em “institutos de comunicação” ou “ciências da informação coletiva”. Ocorre que para atingir suas finalidades políticas, não bastava ao Centro influir na formação de profissionais que se restringissem à prática do jornalismo. Conforme um estudo da Unesco, 80% da população latino-americana jamais havia visto um jornal, e esta percentagem aumentava nas zonas rurais, justamente as mais vulneráveis a uma insurgência armada como a ocorrida em Cuba e que o Ciespal se propunha a prevenir.

Num desses seminários regionais, realizado no Rio de Janeiro, em nome da “necessidade de comunicação de grupos que buscam a integração à sociedade”, da “contribuição com o bem comum e com o regime democrático”, o Ciespal introduz a idéia de formar um “profissional polivalente”,



substituindo o jornalista “para atuar em todos os meios de comunicação coletiva (rádio, televisão, imprensa, cinema), posto que a relação entre eles é complementar, e também para o desempenho de tarefas de investigação científica, de relações públicas e de publicidade”.

O Ciespal não se limitava a propor a criação de um novo tipo de profissional: propunha a extinção e a substituição das profissões previamente existentes. A política do Centro influenciou a regulamentação profissional em diversos países e conseguiu unificar a linguagem acadêmica da área em todo o continente, com a boa desculpa de “facilitar o intercâmbio”. Em 1964, o Centro já havia formado em seus cursos mais de duzentos professores e diretores de escolas, e os resultados não tardaram a aparecer. Conforme relatório do professor americano Raymond Nixon, em 1970 um terço das escolas do continente já haviam trocado a denominação “de jornalismo” por “de comunicação” ou equivalente. Em 1980, este número estava próximo de 85% (Nixon, 1981, p.25).

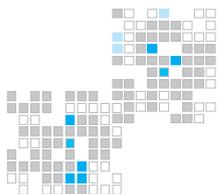
Mas, obviamente, não tinha como impor esta substituição a não ser nas escolas, o que criou uma alienação da vida acadêmica em relação ao mercado profissional, que vai perdurar em muitos países até hoje. O mercado rejeitou a proposta desde o início, mas seus argumentos não foram ouvidos, pois a mudança tinha, sobretudo, objetivos políticos. Conforme o relato do professor norte-americano Raymond Nixon, um dos principais orientadores do Ciespal na época:

*“[...] alguns executivos da mídia naturalmente sentem que as escolas de comunicação social, ao estudarem formas de atingir as pessoas por meios alternativos, estão tentando suplantar os jornais, as revistas, a rádio e a TV comerciais; mas os acadêmicos argumentam que se as sociedades não encontrarem meios de atingir a grande parcela da população que não é atendida*

*pela mídia comercial, esta parcela será mais suscetível a seguir uma via revolucionária como saída para suas repetidas frustrações.”* (Nixon, 1981).

O divórcio das escolas com a realidade profissional, como se vê, foi introduzido como estratégia política na Guerra Fria. Mas, ao contrário do que normalmente se apregoa, esta ruptura não foi provocada inicialmente pela posição ideologizante da esquerda, mas ao contrário, pela posição norte-americana. O que não absolve a esquerda do fato de tê-la assumido e aprofundado num momento seguinte, quando conquistou a hegemonia ideológica tanto na Unesco e no Ciespal, desde o momento em que estas entidades passaram a ser financiadas pela social-democracia européia e esta investiu na aproximação com a esquerda latino-americana. De fato, direita e esquerda se digladiaram por várias décadas, num reflexo do que acontecia a nível internacional, mas ambas erraram juntas ao transformarem as escolas de comunicação em aparelhos políticos, sem notar que com isso comprometiam o seu desenvolvimento técnico e científico ao descolarem a produção teórica e a orientação pedagógica da realidade profissional.

No caso brasileiro, ao contrário do que ocorreu na maior parte dos países latino-americanos, a figura do “profissional polivalente” – depois chamado de “comunicador social” – foi rejeitada pelas escolas do Brasil já no ano seguinte ao de sua invenção, ao mesmo tempo em que eram recuperadas as tradicionais saídas profissionais em jornalismo, publicidade, relações públicas, etc. Mas os cursos, contraditoriamente, passaram a se chamar “de comunicação social”, adotando a linguagem padronizada pelo Ciespal para todo o continente. E a teoria estudada e desenvolvida nas escolas, longe de atender às necessidades de formação dos profissionais das diversas habilitações, continuou voltada às supostas



necessidades de um comunicador alternativo que vive à margem da mídia e a despreza.

Esta crescente autonomia da produção teórica em relação às práticas sociais que deram origem ao campo acadêmico também foi incentivada pelo Ciespal. Uma vez que seu objetivo já não era entender nem aperfeiçoar estas práticas existentes, mas substituí-las por uma outra forma de prática mais produtiva do ponto-de-vista de seus objetivos políticos, o Centro passou a convencer as escolas que sua teoria deveria orientar as práticas, e jamais poderia acontecer o contrário. O professor mexicano Josep Rota chegou a conceber uma pirâmide para justificar esta atitude: no alto dela pairava a produção teórica; num segundo nível, subordinada a ela, a pesquisa; esta orientava o planejamento e no derradeiro degrau, o mais inferior, ficava a execução prática.

A pirâmide do Ciespal colocou num pedestal a figura do comunicólogo, fixando num nível bem inferior de importância os profissionais da mídia, que não eram relevantes para os objetivos de atuação do Centro, como acontecera antes na história do campo acadêmico nos Estados Unidos. Com base nela, o Centro desenvolveu uma experiência de produção teórica, pesquisa, planejamento e práticas alternativas – sociais, políticas, educativas e comunicativas – extremamente rica e interessante, que não deve ser desprezada. Para este fim, a pirâmide foi não só operacional como relativamente bem sucedida. No entanto, esta experiência de comunicação popular foi desenvolvida de costas para a mídia tradicional, a quem continuava se dirigindo a formação profissional da maior parte das escolas, por demanda dos próprios estudantes e do mercado de trabalho. Em consequência, a pirâmide que colocava a teoria acima de tudo o mais teve o efeito de desorientar esta formação, com efeitos bastante danosos.

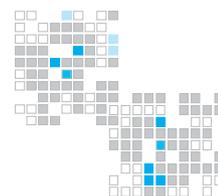
De fato, nos cursos de Comunicação Social a teoria sempre foi considerada mais importante

do que a prática, e esta concepção até se tornou parte do senso comum. Difícil é explicar, por ela, porque esta teoria tão importante se tornou historicamente tão descartável, e sequer se acumulou. A formação clássico-humanista que orientava os cursos de jornalismo até a década de 60 foi rejeitada pelo funcionalismo introduzido pelo Ciespal. O funcionalismo que dominou os cursos na década de 70 foi extirpado do currículo pela hegemonia do marxismo que veio

**O desprezo pela prática profissional como objeto de estudo, por parte dos teóricos colocados no topo da hierarquia acadêmica, teve uma série de efeitos negativos e perversos.**

a seguir. Tudo o que o marxismo ensinou foi posto de lado na década seguinte, com o reinado da psicanálise e do simbólico. E estas vertentes também já saíram de moda, substituídas pelas explicações pós-modernas da sociedade e pelos estudos culturais. Cada nova teoria ensina que as anteriores não tinham grande importância, mas todas garantem ser mais importantes, elas mesmas, do que as práticas. Estas últimas, embora com sua importância minimizada, continuaram as mesmas, e graças somente a elas o campo acadêmico não foi descartado como um todo e manteve alguma identidade ao longo destas décadas.

O desprezo pela prática profissional como objeto de estudo, por parte dos teóricos colocados no topo da hierarquia acadêmica, teve uma série de efeitos negativos e perversos. O primeiro e mais evidente é a violentação das expectativas dos estudantes que ingressam na Universidade em busca da carreira profissional a que se sentem vocacionados. O estudante é induzido a um processo esquizofrênico através de uma lavagem cerebral em que, durante a metade teórica do curso, é convencido a abandonar e desprezar sua vocação. Neste processo, os estudantes



que passam pelos cursos de comunicação são muitas vezes obrigados a uma opção dramática: ou desprezam a teoria ensinada e reafirmam a vocação profissional que os levou à faculdade, desenvolvendo uma forte resistência à atividade teórica, ou abandonam a vocação inicial e tornam-se “comunicadores” sem mercado de trabalho e sem prática, só encontrando colocação na própria universidade como “comunicólogos”.

De outra parte, se um profissional ou professor de disciplina prático-profissionalizante quiser fazer carreira acadêmica, cursando mestrado ou doutorado, para obter reconhecimento mais fácil dos pares é induzido a negar a prática que dominava ou ensinava. Acaba por realizar pesquisa em área que não é a da sua atuação profissional. Em consequência, a parte prática dos cursos não se desenvolve, fica condenada a ser uma prática sem reflexão teórica, e a teoria autônoma dela por sua vez se reproduz indefinidamente sem rumo e sem capacidade maior de agir sobre a realidade. A teoria do jornalismo, como disciplina, é abolida dos currículos dos cursos, e seus principais autores latino-americanos, como o cubano Octavio de la Suarée e o brasileiro Luiz Beltrão, entre tantos outros de várias nacionalidades, são condenados ao esquecimento.

No final da década de 80, o congresso de re-fundação da Alaic realizado em Embu-Guaçu (São Paulo, Brasil) questiona se esta não foi uma “década perdida” para a pesquisa acadêmica na área. Da Venezuela, o ex-diretor da Unesco Antonio Pasquali constatava que toda a pesquisa em comunicação realizada no continente nas últimas décadas “de pouco valeu, pois não se conhecem realmente os meios de comunicação na América Latina”. Do Brasil, a professora Anamaria Fadul acrescentava que “não foram realizadas pesquisas empíricas e não se tem sequer dados quantitativos sobre eles” (Fadul, 1991, p.56). O desconhecimento das escolas sobre o mercado de trabalho que vai absorver seus estudantes e sobre

suas necessidades provoca um desprezo recíproco. Em consequência, as empresas importavam as tecnologias e até os cursos de formação profissional que necessitavam, aprofundando a dependência cultural e econômica do subcontinente, enquanto a massa crítica existente nas universidades vivia à míngua e pouco contribuía para reverter esta situação.

Na década de 90, no entanto, começa a ser revertida esta tendência. Revigorada, a Alaic realiza seus II, III e IV Congressos em Guadalajara, Caracas e Recife, respectivamente. Neles, o Grupo de Estudos sobre Jornalismo ganha vida, começa a atrair um significativo número de interessados e seu então coordenador, o pesquisador mexicano José Carlos Lozano, lidera a re-edição coletiva do célebre estudo “Duas semanas na imprensa latino-americana”, realizado originalmente na década de 60, nos primórdios do Ciespal, através da atualização da metodologia comparativa proposta pelo francês Jacques Kayser.

No Brasil, pesquisadores como Nilson Lage, Cremilda Medina e Adelmo Genro Filho retomam a construção de uma teoria específica do jornalismo, e a principal entidade acadêmica da área, a Intercom<sup>1</sup> cria o seu Grupo de Trabalho em Jornalismo em 1993, por iniciativa de José Marques de Melo. O GT Jornalismo da Intercom logo se transforma no mais concorrido dos congressos da entidade, que também abrigam as primeiras reuniões do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, que depois prosperam até a criação de uma entidade autônoma especializada em ensino de jornalismo ([www.fnj.org.br](http://www.fnj.org.br)). Em 2000, a Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação ([www.compos.org.br](http://www.compos.org.br)) cria também um GT em Jornalismo, que até 2008 segue sendo o que recebe mais trabalhos nos congressos da entidade. Várias revistas acadêmicas especializadas em jornalismo surgem no país nesta década e na seguinte, e em 2003 é criada a Sociedade Brasileira

<sup>1</sup> Ver [www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br)

dos Pesquisadores em Jornalismo ([www.sbpjor.org.br](http://www.sbpjor.org.br)) como entidade autônoma. O primeiro congresso da SBPJor, em 2003, recebe quase cem trabalhos e este número mais que duplica até 2008, no VI Congresso. A Universidade Federal de Santa Catarina cria uma pós-graduação em Jornalismo ([www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br)), especialidade que havia desaparecido da pós-graduação brasileira desde que a onda da Comunicação fechou este curso na Universidade de São Paulo, e grupos de pesquisa e linhas de pesquisa específica começam a aparecer novamente nos agora já 35 programas de pós-graduação em Comunicação existentes no país.

A tendência detectada no Brasil acompanha um movimento maior, de nível internacional, de recuperação da identidade específica dos estudos em jornalismo, agora no seio da grande área da comunicação, mas valorizando o que há de específico nesta prática social. Este movimento se expressa numa explosão de estudos acadêmicos sobre jornalismo em muitos países, embora na América Latina, com exceção do Brasil, esta retomada esteja sendo mais lenta. No ano 2000 foram criadas as primeiras revistas internacionais específicas, em língua inglesa:

*Journalism: Theory, Practice and Criticism* e *Journalism Studies*. A tendência de institucionalização da pesquisa em jornalismo se reforça em seguida com a criação do Journalism Interest Group na *International Communication Association (ICA)*.

A própria Unesco, que em meados do século passado foi a maior responsável pela descaracterização dos cursos universitários em jornalismo e sua transformação em cursos de comunicação, com o argumento principal de que o terceiro mundo não necessitava do jornalismo pelos critérios vigentes nos países desenvolvidos, agora revisa esta posição e em 2007 propõe um novo modelo

de currículo universitário inteiramente voltado para o jornalismo, sem mais referência às ciências da comunicação (Unesco, 2007).

Em julho 2008, em seu congresso realizado em Estocolmo, a *Associação Internacional de Estudos em Comunicação Social (IAMCR)* finalmente admite uma seção de “Ensino e Pesquisa em Jornalismo”, que é inaugurada com enorme vigor, com a apresentação de mais de uma centena de trabalhos de todas as partes do mundo (IAMCR, 2008, p.289, 328). Apenas quatro desses trabalhos são da América Latina, mas este quadro pode mudar em 2009, quando o encontro da entidade internacional será realizado no México. O México, os países da América Central e do norte da América do Sul tem tido pequena participação no GT da Alaic nos últimos anos, e o Congresso do 30º Aniversário da entidade vai servir para verificar se isso se deve ao fato dos últimos encontros terem sido realizados no Cone Sul do continente, com as dificuldades inerentes ao fator geográfico dificultando esta participação, ou se o percurso acadêmico do jornalismo e da comunicação nesses países (Hernández; Schwarz, 2008) priorizou a atenção de seus pesquisadores para outros GTs

Tabela 1. Composição da amostra

| Evento  | Número de Trabalhos |
|---|---------------------|
| IV ALAIC (1998, Recife, Brasil)                   | 30                  |
| V ALAIC (2000, Santiago de Chile, Chile)          | 51                  |
| VI ALAIC (2002, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia) | 20                  |
| VII ALAIC (2004, La Plata, Argentina)             | 35                  |
| VIII (2006, Porto Alegre, Brasil)                 | 33                  |
| <b>TOTAL</b>                                      | <b>169</b>          |

da entidade (em 1998, o mexicano José Carlos Lozano, então coordenador do GT, deixou o cargo para assumir a coordenação do GT Comunicação e Política). Nos últimos cinco congressos, Brasil e Argentina foram os países com maior participação no GT Estudos em Jornalismo, mas mais uma vez, o fator geográfico da localização destes congressos,

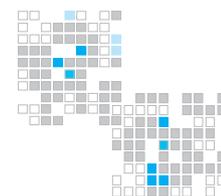


Tabela 2. Quantificação dos trabalhos aprovados nos cinco congressos em relação à temática

| Tema                                     | IV Alaic Recife 1998<br>Número<br>Percent. | V Alaic Santiago 2000<br>Número<br>Percent. | VI Alaic Santa Cruz 2002<br>Número<br>Percent. | VII Alaic La Plata 2004<br>Número<br>Percent. | VIII Alaic Porto Alegre 2006<br>Número<br>Percent. | TOTAL NOS 5 CONGRESSOS<br>Número<br>Percent. |
|--|--|---|--|---|--|--|
|  | 7<br>24%                                   | 22<br>43%                                   | 7<br>35%                                       | 7<br>20%                                      | 7<br>21%   | 38<br>28%                                    |
| Linguagem, Narrativas, Formas e Formatos | 5<br>17%                                   | 5<br>10%                                    | 1<br>5%  | 7<br>20%                                      | 11<br>34%  | 25<br>19%                                    |
| Produção Jornalística e Newsmaking       | 5<br>17%                                   | 6<br>11%                                    | 2<br>10%                                       | 5<br>14%                                      | 6<br>18%   | 20<br>15%                                    |
| Teorias e Fundamentos do Jornalismo      | 2<br>6%                                    | 3<br>6%                                     | 2<br>10%                                       | 3<br>8,5%                                     | 2<br>6%  | 9<br>7%                                      |
| História do Jornalismo                   |  | 3<br>6%                                     | 1<br>5%  | 2<br>6%                                       |  | 6<br>4,25%                                   |
| Recepção e Efeitos                       |  | 3<br>6%                                     |  |   | 1<br>3%  | 3<br>2%                                      |
| Estudo da Profissão                      | 2<br>6%                                    | 2<br>4%                                     | 1<br>5%  | 3<br>8,5%                                     | 1<br>3%  | 8<br>6%                                      |
| Novas Tecnologias                        |  | 1<br>2%                                     |  | 3<br>8,5%                                     | 1<br>3%  | 5<br>4%                                      |
| Ensino de Jornalismo                     | 1<br>3%                                    |   | 1<br>5%  | 3<br>8,5%                                     |  | 4<br>3%                                      |
| Jornalismo Comparado                     | 1<br>3%                                    | 1<br>2%                                     | 3<br>15%                                       |   |  | 4<br>3%                                      |
| Temas Híbridos ou outros temas           | 7<br>17%                                   | 5<br>10%                                    | 2<br>10%                                       | 2<br>6%                                       | 4<br>12%   | 13<br>9,5%                                   |
| <b>Total</b>                             | <b>30</b><br><b>100%</b>                   | <b>51</b><br><b>100%</b>                    | <b>20</b><br><b>100%</b>                       | <b>35</b><br><b>100%</b>                      | <b>33</b><br><b>100%</b>                           | <b>135</b><br><b>100%</b>                    |

274

além da história acadêmica desses países, pode ter influenciado nestes resultados.

## 2. Os trabalhos apresentados no GT jornalismo nos Congressos da Alaic (1998-2006)

Para a realização da análise dos trabalhos, baseamo-nos numa amostra que considerou os trabalhos aprovados para apresentação nos congressos, que não corresponde exatamente aos trabalhos efetivamente apresentados, pois muitos autores faltam devido à falta de apoio financeiro

**Tabela 3. Foco dos estudos apresentados nos cinco congressos**

| <b>Foco</b>                  | <b>IV Alaïc Recife 1998</b><br>Número<br>Percent. | <b>V Alaïc Santiago 2000</b><br>Número<br>Percent. | <b>VI Alaïc Santa Cruz 2002</b><br>Número<br>Percent. | <b>VII Alaïc La Plata 2004</b><br>Número<br>Percent. | <b>VIII Alaïc Porto Alegre 2006</b><br>Número<br>Percent. | <b>TOTAL NOS 5</b>        |
|------------------------------|---|--|---|--|---|---------------------------|
| Local / Regional             | 10<br>33%   | 20<br>40%  | 7<br>35%  | 12<br>34 %   | 6<br>18%  | <b>39</b><br><b>29%</b>   |
| Sobre o país do pesquisador  | 8<br>27%  | 18<br>34%  | 10<br>50%   | 8<br>23%   | 16<br>49%   | <b>54</b><br><b>40%</b>   |
| Internacional / Universal    | 8<br>27%  | 10<br>20%  | 2<br>10%  | 8<br>23%   | 8<br>24%  | <b>27</b><br><b>20%</b>   |
| Não se aplica / Não definida | 4<br>13%  | 3<br>6%  | 1<br>5%   | 7<br>20%   | 3<br>9%   | <b>15</b><br><b>11%</b>   |
| <b>Total</b>                 | <b>30</b><br><b>100%</b>                          | <b>51</b><br><b>100%</b>                           | <b>20</b><br><b>100%</b>                              | <b>35</b><br><b>100%</b>                             | <b>33</b><br><b>100%</b>                                  | <b>135</b><br><b>100%</b> |

**Tabela 4. Mídia pesquisada nos trabalhos apresentados nos três congressos**

| <b>Meio</b>           | <b>IV Alaïc Recife 1998</b><br>Número<br>Porcentagem | <b>V Alaïc Santiago 2000</b><br>Número<br>Percent. | <b>VI Alaïc Santa Cruz 2002</b><br>Número<br>Percent. | <b>VII Alaïc La Plata 2004</b><br>Número<br>Percent. | <b>VIII Alaïc Porto Alegre 2006</b><br>Número<br>Percent. | <b>TOTAL NOS 5 CONGRESSOS</b><br>Número<br>Percent. |
|-----------------------|--|--|---|--|---|---|
| Jornal                | 11<br>37%  | 28<br>55%  | 8<br>40%  | 10<br>28,5%  | 11<br>33%   | <b>53</b><br><b>39,5%</b>                           |
| Internet              | 5<br>17%   | 2<br>4%  | 1<br>5%   | 5<br>14%   | 1<br>3%   | <b>11</b><br><b>8%</b>                              |
| Televisão             | 4<br>13%   | 5<br>10%   | 1<br>5%   | 4<br>11,5%   | 5<br>15.5%  | <b>14</b><br><b>10%</b>                             |
| Revista               | 1<br>3%  | 3<br>6%  | 1<br>5%   | 1<br>3%  | 2<br>6%   | <b>6</b><br><b>4,5%</b>                             |
| Rádio                 |  |  |   | 1<br>3%  | 2<br>6%   | <b>3</b><br><b>2%</b>                               |
| Outras                | 2<br>6%  | 2<br>4%  | 2<br>10%  | 1<br>3%  | 3<br>9.5%   | <b>8</b><br><b>6%</b>                               |
| Várias / Não definida | 7<br>23%   | 11<br>21%  | 7<br>35%  | 13<br>37%  | 9<br>27%  | <b>40</b><br><b>30%</b>                             |
| <b>Total</b>          | <b>30</b><br><b>100%</b>                             | <b>51</b><br><b>100%</b>                           | <b>20</b><br><b>100%</b>                              | <b>35</b><br><b>100%</b>                             | <b>33</b><br><b>100%</b>                                  | <b>135</b><br><b>100%</b>                           |

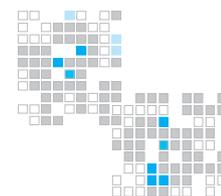


Tabela 5. Origem dos artigos

| Origem         | IV Alaic<br>Recife<br>1998<br>Quantidade<br>De autores | V Alaic<br>Santiago<br>2000<br>Quantidade<br>De autores | VII Alaic<br>Santa Cruz<br>2002<br>Quantidade<br>De autores | VI Alaic<br>La Plata 2004<br>Quantidade<br>De autores | VIII Alaic<br>Porto Alegre<br>2006<br>Quantidade<br>De autores | TOTAL<br>GERAL<br>Quantidade<br>De autores. |
|----------------|--|---|---|---|--|---|
| Argentina      | 8<br>27%   | 10<br>20%   | 6<br>30%  | 7<br>20%  | 3<br>9%  | 34<br>20,1%                                 |
| Bolívia        |  | 1<br>2%   | 1<br>5%   |   |  | 2<br>1,2%                                   |
| Brasil         | 15<br>50%  | 27<br>52%   | 9<br>45%  | 22<br>62%   | 28<br>85%  | 101<br>59,8%                                |
| Chile          | 3<br>10%   | 7<br>14%  |   |   | 1<br>3%  | 11<br>6,5%                                  |
| Colômbia       |  |   | 2<br>10%  | 2<br>6%   |  | 4<br>2,4%                                   |
| Espanha        |  | 1<br>2%   | 1<br>5%   | 2<br>6%   |  | 4<br>2,4%                                   |
| Estados Unidos | 1<br>3%  |   |   |   |  | 1<br>0,6%                                   |
| México         | 2<br>6%  | 1<br>2%   |   |   |  | 3<br>1,8%                                   |
| Paraguai       |  | 1<br>2%   |   |   |  | 1<br>0,6%                                   |
| Peru           | 1<br>3%  |   |   |   | 1<br>3%  | 2<br>1,2%                                   |
| Portugal       |  | 1<br>2%   |   | 1<br>3%   |  | 2<br>1,2%                                   |
| Porto Rico     |  |   | 1<br>5%   | 1<br>3%   |  | 2<br>1,2%                                   |
| Uruguai        |  | 1<br>2%   |   |   |  | 1<br>0,6%                                   |
| Venezuela      |  | 1<br>2%   |   |   |  | 1<br>0,6%                                   |
| <b>TOTAL</b>   | <b>30</b><br><b>100%</b>                               | <b>51</b><br><b>100%</b>                                | <b>20</b><br><b>100%</b>                                    | <b>35</b><br><b>100%</b>                              | <b>33</b><br><b>100%</b>                                       | <b>169</b><br><b>100%</b>                   |

276

para a viagem aos eventos. Nove trabalhos de um total de 178 não puderam ser recuperados. Desta forma, nossa amostra total ficou composta conforme aparece na Tabela 1. No entanto, vários trabalhos só puderam ser recuperados na forma de resumos. Assim, alguns itens da análise consideram uma amostra de 135 trabalhos.

Na Tabela 2, classificamos os trabalhos aprovados no GT Jornalismo conforme a temática

abordada. As análises do conteúdo dos produtos prevaleceram, ficando em segundo lugar as análises relativas à forma e, em terceiro, a da produção jornalística. Estes três temas, juntos, ocuparam a maioria dos trabalhos (62%)

Na Tabela 3, analisamos o foco geográfico das pesquisas. O foco em temas nacionais dos países dos pesquisadores prevaleceram, seguidos pelos temas locais ou regionais.

| Tabela 6. Quantidade de autores citados distribuídos pelos respectivos países de origem |  |
|---|--|
| País de origem  | ALAIC<br>1998, 2000, 2002, 2004, 2006<br>Número<br>Porcentagem |
| Brasil  | 53<br>38%  |
| França  | 21<br>15%  |
| EUA   | 16<br>12%  |
| Espanha   | 12<br>8%   |
| Argentina   | 6<br>4%  |
| Portugal  | 4<br>3%  |
| Colômbia  | 3<br>2,15%   |
| Inglaterra  | 3<br>2,15%   |
| México  | 3<br>2,15%   |
| Itália  | 2<br>1,5%  |
| Alemanha  | 2<br>1,5%  |
| Áustria   | 2<br>1,5%  |
| Outros, com apenas uma citação cada   | 10<br>7,0%   |
| Origem não identificada   | 2<br>1,5%  |
| <b>TOTAL</b>  | <b>139<br/>100%</b>  |

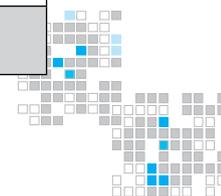
Na Tabela 4, verificamos que o jornal impresso segue sendo a mídia mais estudada nos trabalhos sobre jornalismo. A televisão e a internet aparecem em seguida.

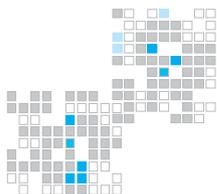
Na tabela 5, verificamos a origem dos artigos enviados para o GT Jornalismo da Alaic nos últimos cinco congressos. A participação brasileira responde por quase 60%, o que certamente tem a ver com o percurso acadêmico dos estudos em jornalismo no Brasil, conforme exposto acima. A Argentina, berço da primeira escola de jornalismo

| Tabela 7. Quantidade de citações distribuídas pelos respectivos países de origem dos autores |  |
|--|--|
| País de origem   | ALAIC<br>1998, 2000, 2002, 2004, 2006<br>Número<br>Porcentagem |
| Brasil   | 160<br>30%   |
| França   | 85<br>16%  |
| EUA  | 52<br>10%  |
| Espanha  | 48<br>9%   |
| Argentina  | 32<br>6%   |
| Portugal   | 29<br>5,5%   |
| Itália   | 19<br>3,5%   |
| Colômbia   | 18<br>3%   |
| Áustria  | 10<br>1,8%   |
| Holanda  | 10<br>1,8%   |
| Países com menos de dez citações (12 países)   | 61<br>11,5%  |
| Origem não identificada  | 7<br>1,3%  |
| <b>TOTAL</b>   | <b>531<br/>100%</b>  |

do continente, aparece em segundo lugar com 20% dos trabalhos.

Na tabela 6, apuramos as principais influências nacionais recebidas pelos trabalhos apresentados no GT da Alaic, através da nacionalidade dos autores citados nestes trabalhos. Os autores brasileiros aparecem como os mais numerosos entre os citados (o que é coerente com a tabela anterior), e as influências seguintes mais presentes são de autores da França, Estados Unidos e Espanha. Da América Latina, além dos brasileiros, os autores que aparecem em maior número são da Argentina (o que também é coerente com a





**Tabela 8. Quantidade de citações distribuídas pelas áreas de atuação principal dos autores**

| Área de atuação principal                                  | ALAIC<br>1998, 2000, 2002, 2004, 2006<br>Número<br>Porcentagem |
|--|--|
| Jornalismo   | 218<br>41%   |
| Outras áreas da Comunicação                                | 116<br>22%   |
| Sociologia   | 51<br>10%  |
| Ciências da Linguagem                                      | 56<br>10,5%  |
| Filosofia  | 28<br>5,2%   |
| Antropologia   | 11<br>2%   |
| História   | 10<br>1,8%   |
| Educação   | 10<br>1,8%   |
| Psicologia/Psicanálise                                     | 10<br>1,8%   |
| Geografia  | 6<br>1,1%  |
| Citações de Outras Áreas que não alcançam 1% do total cada | 8<br>1,5%  |
| Área não identificada                                      | 7<br>1,3%  |
| <b>TOTAL</b>   | <b>531<br/>100%</b>  |

tabela anterior), Colômbia e México. Os demais países latino-americanos não aparecem com mais de um autor citado, o que mostra a ainda pequena circulação de trabalhos entre os países na área de jornalismo.

A Tabela 7, a seguir, contabiliza o número de citações de autores de cada país. Os dados reforçam o que foi observado já na tabela 6, anterior, sobre as principais influências nacionais na pesquisa sobre jornalismo apresentada no GT da Alaic.

Na tabela 8, a seguir, apuramos as principais influências sobre os estudos de jornalismo apresentados na Alaic em termos de disciplinas científicas, a partir da área de atuação principal dos

autores citados nos trabalhos. Apesar da interdisciplinaridade inerente aos estudos de jornalismo, os autores da própria área de jornalismo e das demais sub-áreas da comunicação são os mais citados, aparecendo depois a Sociologia, as Ciências da Linguagem e a Filosofia como as disciplinas com maior influência sobre os trabalhos apresentados no GT.

### 3. Conclusões

A análise dos trabalhos enviados ao GT Jornalismo da Alaic conduz à conclusão de que o movimento de retomada da especificidade dos estudos de jornalismo observado internacionalmente e descrito na primeira parte deste trabalho ainda não produziu efeitos na maior parte dos países latino-americanos. É bem verdade que muitos trabalhos que poderiam ser enquadrados na sub-área de estudos em jornalismo foram apresentados em outros GTs nos últimos cinco congressos, por isso não sendo levados em consideração nesta análise. No entanto, neste caso,

a própria opção dos autores por uma interlocução prioritária com outras sub-áreas da comunicação e outras interfaces disciplinares que não a dos estudos em jornalismo pode ser um diagnóstico da ainda não retomada do prestígio acadêmico dos estudos de jornalismo na academia latino-americana.

As exceções a esta situação se localizam no Brasil, onde os estudos em jornalismo na última década retomaram com força a sua especificidade, inclusive no plano institucional, com a criação de entidades de professores e de pesquisadores em jornalismo, revistas acadêmicas, grupos, linhas de pesquisa e áreas de concentração na

pós-graduação, processo este que se refletiu na grande participação brasileira no GT da Alaic. Com menor força, o mesmo movimento pode estar começando a acontecer na Argentina, que teve também uma participação expressiva.. O Congresso dos 30 anos da entidade em 2008 no México, e os que o seguirão, permitirão

avaliar melhor de que maneira a retomada da especificidade dos estudos em jornalismo, observada internacionalmente, estará refletindo no continente latino-americano, especialmente nos seus países localizados ao norte do Equador, que tiveram pouca participação nos eventos aqui analisados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAREY, James. *Where Journalism Education went wrong*. s/d. Disponível em: <<http://frank.mtsu.edu/~masscomm/seig96/carey/carey.htm>>.
- CAMARGO, Nelly. A busca de uma filosofia para o ensino de comunicação. *Revista de Comunicações e Artes*, ECA-USP, São Paulo, n.6, p. 49-71, 1971.
- DENNIS, Everette. *Reshaping the Media: Mass Communication in a Information Age*. Newbury: Sage, 1989.
- FADUL, Anamaria. O ensino da comunicação e a nova conjuntura internacional, In: MELO, José Melo de. (org.) *O Ensino da Comunicação e os Desafios da Modernidade*. São Paulo: ECA-USP, 1991. p. 46-57.
- FAUS BELAU, Angel. *La Ciencia Periodística de Otto Groth*. Pamplona: Universidad Navarra, 1966.
- GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (orgs.) *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- IANNI, Otávio. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- KELLY, Celso. *As novas dimensões do jornalismo*. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1966.
- LOFFENHOLZ, Martin; WEAVER, David. *Global Journalism Research*. Malden: Blackwell, 2008.
- MACHADO, Elias. A pesquisa brasileira em jornalismo (1987-2007): um balanço. In: AMARAL, Márcia Franz. *Olhares sobre o Jornalismo: a contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria: Facos-UFSM, 2007. p.34-41.
- MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo: elo perdido no ensino da comunicação*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- MELO, José Marques. *Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.
- NIXON, Raymond. *Education for Journalism in Latin-America: a Report of Progress*. Minneapolis: Minnesota Journalism Center, 1981.
- MEDSGER, Betty. *Winds of Change: Challenges Confronting Journalism Education*. Arlington: The Freedom Fórum, 1996.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. (tese defendida em 1690 na Universidade de Leipzig). *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v.1, n.2, p.13-30, 2004. Disponível em: <<http://posjor.ufsc.br/pub/revista/480>>. Acesso em: 2005.
- RAMÍREZ, María Elena Hernández; SCHWARZ, Andréas. Journalism Research in México. In: LOFFENHOLZ, Martin; WEAVER, David. *Global Journalism Research*. Malden: Blackwell, 2008.
- RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.
- ROGERS, Everett. *A History of Communication Study*. New York: The Free Press, 1997.
- Unesco. *Model Curricula for Journalism Education for Developing Countries & Emerging Democracies*. Paris: Unesco, 2007.
- WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 15 ed., 2004.
- WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v.2 n.1, p.13-21, 2005. [publicado originalmente como alocação ao I Congresso Alemão de Sociologia]. Disponível em: <[www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br)>. Acesso em: 2006.

